



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

JOSÉ MARCOLINO DOS SANTOS NETO

O DESRESPEITO A LIBERDADE DE OPINIÃO E AS AÇÕES
DE INTERVENÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: Motivação de
conflitos, causas e consequências na escola.

Brasília – DF

2015

JOSÉ MARCOLINO DOS SANTOS NETO

O DESRESPEITO A LIBERDADE DE OPINIÃO E AS AÇÕES
DE INTERVENÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: Motivação de
conflitos, causas e consequências na escola.

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural

Professora Orientadora: Mestra, Suellen Neto Pires Maciel

Brasília – DF

2015

Neto, José Marcolino dos Santos.

O desrespeito à liberdade de opinião e as ações de intervenção no ambiente escolar: Motivação de conflitos, causas e consequências na escola/José Marcolino dos Santos Neto.

Monografia (Pós-graduação *Latu Sensu*) – Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia - EaD, 2015.

Orientadora: Profa. Msc. Suellen Neto Pires Maciel, Departamento de Psicologia.

1. A escola como ambiente pluralista e multicultural. 2. Intolerância e desrespeito no ambiente escolar. 3. Os Direitos Humanos em sala de aula.

JOSÉ MARCOLINO DOS SANTOS NETO

O DESRESPEITO A LIBERDADE DE OPINIÃO E AS AÇÕES
DE INTERVENÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: Motivação de
conflitos, causas e consequências na escola.

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de
Conclusão do Curso de Especialização em Educação em e para os
Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural do aluno:

José Marcolino dos Santos Neto

Msc, Suellen Neto Pires Maciel

Professora-Orientadora

Dr.^a, Maristela Rossato

Professora-Examinadora

Brasília, 30 de novembro de 2015

Aos que exercem o ofício de ensinar, mesmo diante das adversidades, dos descasos e da árdua missão – digo dom – um exemplo que é possível haver mudança, transformação que dia a dia ocorre, lentamente é verdade, mas a passos sólidos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, aos meus pais pelo ensinamento, a minha esposa pela inspiração e a minha filha por renovar a esperança.

Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “história” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” *sui generis*, portador de um nome, também de uma “história”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. (Rubens Alves)

RESUMO

A escola é por natureza um ambiente pluralista, sendo formadora de opinião, cujo aluno é instigado a construir a cidadania através das relações sociais. Nesse ambiente se encontram os mais diversos valores, que colaboram para a concepção de mundo. As opiniões divergentes acarretam muitas vezes em conflitos, uma vez que os alunos são sujeitos em formação, e não possuem discernimento para respeitar aquilo que eles consideram diferentes de suas concepções. Os conflitos se fazem presente através das agressões, sejam elas físicas ou psicológicas, onde o discente se vê coagido a expressar suas opiniões com medo de sofrer alguma violência, neste caso sendo motivo de exclusão de grupos ou sofrendo *bullying*, sendo termos pejorativos atribuídos a eles. Promover uma política de tolerância e respeito é fundamental para que juntos, tanto alunos como professores, possam colaborar para a cidadania. A roda de diálogo é um instrumento que busca conciliar os conflitos, dirimindo as diferenças através de uma construção em conjunto, onde o discente é instigado a expressar sua opinião e, ao mesmo tempo, ouvir e respeitar a opinião alheia. Delimitar o linear entre brincadeira e agressão é fundamental para que os alunos saibam respeitar o próximo, bem como saber expressar suas percepções e valores. Neste contexto o debate deve ser visto como algo natural, onde opinião contrária corroboram para uma visão crítica dos fatos em questão. Construir um espírito de tolerância, bem como ouvir opiniões contrárias e expressar de forma respeitosa suas percepções são objetivos que contemplam a formação do aluno, colaborando também para uma realidade onde o respeito prevaleça.

Palavras-chave: Pluralismo de ideias; Conflitos; *Bullying*; Roda de Diálogo; Cidadania.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
JUSTIFICATIVA	11
OBJETIVOS	10
1. A escola como ambiente pluralista e multicultural	14
2. Intolerância e desrespeito no ambiente escolar	19
3. Os Direitos Humanos em sala de aula	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APENDICE	30
ANEXO	31

INTRODUÇÃO

São recorrentes os noticiários que retratam a violência no ambiente escolar, sejam através de palavras caluniosas e difamatórias, expressando uma denotação pejorativa, que denigre e constrange o aluno, ou, em último caso, as agressões físicas que resultam em lesões corporais. A violência escolar não é suscetível somente em escolas de periferia, mas, há inúmeros casos também em escolas consideradas de alto padrão, cujos frequentadores possuem um elevado poder aquisitivo. Em maio de 2015 a juíza Priscila Faria da Silva, de acordo com reportagem vinculada pelo portal G1, responsabilizou uma instituição de ensino particular, situada em Taguatinga – DF, pela omissão diante da agressão praticada, assim disse:

No momento em que os pais entregam seus filhos menores aos cuidados da escola, esta assume a responsabilidade por sua integridade, seja ela física, psíquica ou emocional, face ao dever de guarda e vigilância intrínseco à atividade educacional. [...] Assim, sendo a escola fornecedora de serviços, sua responsabilidade pelos danos causados ao consumidor-aluno é objetiva, em razão da teoria do risco da atividade. (G1, 2015)

Diante deste contexto de conflitos, uma pergunta se faz necessária: Qual forma de desrespeito envolvendo os discentes é mais praticada no ambiente escolar?

Buscar uma solução para a violência escolar por meio do diálogo, incentivando o aluno a expressar sua opinião de forma respeitosa com o próximo e valorizar o espaço multicultural que é o ambiente escolar, promovendo a diminuição da prática do *bullying*, ou outros meios de violência, permeia a concepção de cidadania defendida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Através de uma educação voltada para a prática do diálogo e a liberdade de expressão será possível diminuir as práticas de violência escolar, para isso se fez

necessário mencionar algumas etapas para o desenvolvimento da roda de diálogo, que é um instrumento intervencionista e eficaz que visa na discussão em grupo a elaboração de um senso comum sobre determinado assunto.

Justificativa:

As conquistas oriundas da liberdade significam poder expressar sua opinião, sem sofrer sanções. Com o advento das revoluções burguesas, muitos direitos foram sendo incorporada a sociedade civil, sendo, talvez o mais importante, a liberdade de expressão.

A nossa Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º, paragrafo IV, cita: “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. Neste proposito, de promoção à liberdade de expressão e o respeito à opinião divergente, é que se fundamenta o projeto de pesquisa, tendo como tema: **O desrespeito à liberdade de opinião e as ações de intervenção no ambiente escolar.**

Assim, busca-se mencionar os atos de desrespeitos mais praticados, que de acordo com pesquisa divulgada pela revista adolescência e saúde, sendo prática recorrente brincadeiras que levam a agressões físicas. O fato é que a escola deixa de ser um ambiente pluralista, formadora de cidadãos e preocupada com a instrução para a prática do trabalho, quando os conflitos evidenciam uma falta de diálogo e passam para as agressões físicas ou morais, sendo resultado também de fatores socioeconômicos e familiares. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, lei 9.394/96, afirma que a finalidade da educação básica é:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

A desvirtuação do ambiente escolar, elevando-a a condição de promovedor de conflito, sem intervir nas causas que são o foco das divergências, com isso, cultivando a discórdia por intermédio da propagação do ódio e da intolerância, repercutem no aumento da violência e na prática do *bullying*¹. Sem mencionar o

despreparo dos docentes, que diante a uma situação de conflito envolvendo os alunos tende a impor sua autoridade, separando os beligerantes e dando a situação por resolvido. No entanto, conforme afirma Skinner, no livro Tecnologia do ensino (1972):

Precisamos ter melhor compreensão não só dos que aprendem como também: 1) dos que ensinam; 2) dos que se empenham na pesquisa educacional; 3) dos que administram escolas e faculdades; 4) dos que estabelecem a política educacional e 5) dos que mantêm a educação. Todas estas pessoas estão sujeitas a contingências de reforço que podem precisar ser alteradas para melhorar a educação como instituição. (Skinner, 1972, p. 217).

O levantamento dos problemas que repercutem em a violência no ambiente escolar, partindo deste princípio, é de relevância para nortear a ação de combate à violência e de promoção à escola, enquanto instituição multicultural e promotora da cidadania.

¹De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, conforme cartilha do Ministério Público Federal, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Disponível no sítio: http://www.etepiracicaba.org.br/coordenacao/cartilha_bullying.pdf.

Objetivo Geral:

Compreender os motivos que levam os alunos a praticarem violência entre si é fundamental para apartir do problema buscar uma solução. Através da observação e do convívio, na escola, é que poderemos entender os assuntos recorrentes que geram intolerância, repercutindo na elaboração de ações que conscientizem e promovam o respeito.

O objetivo deste trabalho é mencionar os pontos recorrentes que geram conflitos entre os alunos da educação básica, mais especificamente da Segunda fase do Ensino Fundamental, da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, do Colégio 201 de Santa Maria. Assim, com o levantamento desses dados pretendo elaborar um plano de ação que contemple a diminuição da violência oriunda da intolerância e do desrespeito a opiniões divergentes.

Específicos:

Comtemplam os objetivos específicos deste pré-projeto:

- Mencionar os pontos recorrentes que colaboram para a prática da intolerância no ambiente escolar;
- Citar os assuntos considerados polêmicos e que geram divergência de opiniões;
- Divulgar os tipos de violência mais praticados entre os alunos e as ações de intervenção que podemos tomar;
- Elaborar ações de intervenção que objetivem a tolerância e o respeito entre os discentes.
- Desenvolver um plano de ação que busque a diminuição da violência nas escolas.

1. A escola como ambiente pluralista e multicultural

A escola compreende um ambiente pluralista e multicultural, cuja finalidade é a formação de cidadãos e a instrução para o mercado de trabalho. As tecnologias englobam uma série de ferramentas que fomentam a educação e auxiliam no processo de ensino-aprendizado, assim, a Internet contribui peremptoriamente para o desenvolvimento educacional, uma vez que, o uso correto, proporciona ao educando a descoberta de um mundo de conhecimento.

O mundo globalizado, ou seja, as múltiplas ramificações culturais que através das tecnologias expandem fronteiras e chegam aos mais longínquos lugares, é um fator determinante para o desenvolvimento do sentido de respeito à adversidade e tolerância cultural.

A construção do sentido de liberdade e respeito foi estruturada através de uma verdadeira guerra, travada principalmente no século XX, quando o sentido de segregação e supremacia racial atingiu o seu auge com a II Guerra Mundial. O desrespeito ao ser humano e as atrocidades cometidas durante esse conflito levaram o mundo a uma reflexão sobre o que nos faz diferentes e semelhantes uns dos outros.

Há tempos o homem buscou a liberdade, desde o advento da Revolução Francesa a mentalidade social estava em transformação, ante os desígnios de Deus proveniente da teoria divina do poder, cedendo espaço para a competência e capacidade humana. O governante deixou de ser o escolhido por Deus e passou a ser o que possui um projeto político conciso e estruturado em benefício da vontade de todos.

A liberdade compreende uma luta história de direitos, cuja definição confunde-se com a evolução do homem. Para Tomas Hobbes “homem livre é aquele

que não é impedido de fazer o que tem vontade, no que se refere as coisas e que pode fazer por sua força e capacidade”. Assim, a liberdade vincula-se a capacidade do homem de agir, desde que não interfira negativamente ao próximo, pois o linear entre respeito e direitos devem nortear as ações do homem.

A educação, segundo Paulo Freire, é transformadora e fomenta elementos para a independência do educando, bem como, a criticidade das ações políticas assistencialistas, cujo sentimento de conformismo permeia as classes desfavorecidas e, por isso, mais suscetíveis a influência das classes dominantes. Notoriamente, a educação é fator transformador na vida do discente, através dela o aluno passar a ter uma perspectiva de futuro, bem como uma visão libertadora contra os arreios que o trás para uma realidade submissa e conformista.

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. O esforço educativo que desenvolveu o Autor e que pretende expor neste ensaio, ainda que tenha validade em outros espaços e em outro tempo, foi todo marcado pelas condições especiais da sociedade brasileira. Sociedade intensamente cambiante e dramaticamente contraditória. Sociedade em “partejamento”, que apresentava violentos embates entre um tempo que se esvaziava, com seus valores, com suas peculiares formas de ser, e que “pretendia” preservar-se e um outro que estava por vir, buscando configurar-se. Este esforço não nasceu, por isso mesmo, do acaso. Foi uma tentativa de resposta aos desafios contidos nesta passagem que fazia a sociedade. Desde logo, qualquer busca de resposta a estes desafios implicaria, necessariamente, numa opção. Opção por esse ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma “elite” superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, era mais “coisa” que homem mesmo, ou opção pelo Amanhã. (FREIRE, 1967, p. 71)

Por localiza-se em uma comunidade, a escola reflete uma série de conflitos sociais, econômicos e político. O pluralismo de ideias e concepções ideológicas pode ser interpretado como formador de opinião pelo discente, no entanto, a intolerância e o desrespeito à liberdade de expressão, também impera nesse

ambiente. A pouca experiência, a forma de interpretar os fatos e acontecimentos, os valores e a cultura são fatores que promovem conflitos diários.

A expressão *bullying* surgiu no início do século XX como conceito para a prática da discriminação e, principalmente, desrespeito e violência com o próximo. Num ambiente escolar pluralista, múltiplas interpretações e valores se fazem presente. Exemplo: discursões sobre time de futebol, estilo de moda e até ritmo musical (sertanejo, rock, punk, axé, MPB entre outros gêneros), assim como, características físicas, são fatores que levam para a prática da violência. O que pode ser considerado uma mera brincadeira de início, pode se expandir para uma violência generalizada.

O diálogo é o primeiro passo para a promoção do respeito mútuo. Mas, até chegar a esse ponto uma árdua batalha é travada. A mídia incentiva às práticas de violência, ao expor a sociedade valores ambíguos, cujo conteúdo, muitas vezes duvidosos, denigre a família e o respeito com o próximo. Promovem-se nas redes sociais os *cyberbullying*², cuja agressão expande-se para além do ambiente escolar. As agressões deixam de ser praticada somente na escola e atinge fronteiras além dos muros. A preocupação dos familiares com os entes que estudam são notória, não por causa do conteúdo a ser ministrado, mas sim pelo respaldo da integridade física e mental do discente.

O diálogo compreende uma ação mediadora estruturada no debate, ou seja, através dela construímos nossa capacidade de argumentação e questionamento, saindo da natureza inerte, onde as coisas passam a ser normal e o homem perde sua capacidade de agir. Sobre o diálogo Paulo Freire argumentou:

²bullying realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.

A dialogicidade não pode ser entendida como instrumento usado pelo educador, às vezes, em coerência com sua opção política. A dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador... Não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital. (FREIRE, 1995, p. 74)

A argumentação contempla uma etapa do processo de formação social cujo discente está inserido, não havendo desvinculação entre fatos externos e suas práticas na escola. Na verdade o aluno expõe suas percepções política, social, econômica e cultural nesse ambiente.

A vida humana passa por um processo de banalização, sendo que o valor a ser agregado é infinitamente maior que qualquer riqueza terrena. Em análise podemos observar que as agressões, que de início começam por meio de brincadeiras, ganham proporções avassaladoras. O limite da tolerância é facilmente ultrapassado, ganhando proporções de violência. Ora, um brinca pelo timbre da voz de um colega de classe que está em transformação, devido à adolescência, logo tal observação ganha proporção de ofensa e a agressão passa a impera na sala de aula.

O respeito e os valores são fundamentos oriundos das famílias, o discente, ao entrar pelo portão da escola, são sujeitos que acarretam em si uma experiência de vida, muitas vezes marcados pela intolerância. Nas escolas da rede pública do Distrito Federal, localizadas na cidade satélite de Santa Maria, observa-se claramente a influência externa no ambiente escolar, assim, a violência e o tráfico de drogas são elementos que influenciam negativamente o processo de aprendizado. O pensamento, segundo Içami Tiba, é:

Pensamentos brotam dentro das pessoas sem nenhum controle consciente. Poder falar o que se pensa é a maior liberdade que um ser humano possui inerente a si mesmo. Para fazer o melhor para tudo e para todo o ser humano precisa ser orquestrado pelos melhores pensamentos. Um ótimo critério para avaliar o pensamento é se a pessoa pode expressá-lo sem causar mal a ninguém. (Tiba, 2015, p, 1)

Assim, observando os cinco anos de regências, nas escolas públicas de ensino fundamental e médio de Santa Maria é notório o desrespeito aos preceitos dos Direitos Humanos, inclusive no tocante ao: tratamento desumano ou castigos, o gozo do direito a liberdade, liberdade de expressão, entre outros. A falta de conhecimento sobre os direitos individuais e coletivos inerentes ao homem, atribuídos pela Declaração Universal de Direitos Humanos (1948), bem como a Convenção sobre os direitos da criança (1989), são pontos fundamentais que contemplam a prática da violência e o desrespeito à opinião alheia.

Uma prática recorrente pelos alunos, durante o horário letivo, em relação aos seus pares, é proferir palavra difamatória referente a alguma característica física, assim, apelidar as pessoas relacionando-a com palavras pejorativas é um fator gerador de conflitos.

Além de relacionar os colegas de classe a palavras pejorativas, a falta de compreensão e, até mesmo, o desrespeito à adversidade cultural e étnica ocasiona agressões constantes, tendo como resultado o constrangimento e a opressão da liberdade, pois muitas vezes o ofendido prefere-se isolar da convivência social.

2. Intolerância e desrespeito no ambiente escolar

A prática de sessar a liberdade de expressão, proveniente da intimidação e da violência escolar é um fator determinante para o isolamento do indivíduo, enquanto aluno. Ocorre que, conforme mencionando, o discente sente-se reprimido quando suas ações ou palavras proferidas são motivo de piada ou deboches.

Observando essa situação foi estruturado um planejamento que buscasse uma metodologia intervencionista, no proposito de identificar os agentes envolvidos e, conseqüentemente, vítimas dessa situação.

Durante 3 meses de observações *in loco* no ambiente escolar, entre maio a agosto de 2015, restringindo a uma amostragem com discentes na faixa etária de 11 a 15 anos, de ambos os sexos, num primeiro momento tratando-se somente da observação sem comunica-los do proposito desse trabalho acadêmico, foi observado a intolerância a adversidade, ou seja, àquilo que transcorre o padrão instituído pelos jovens e define-se como autentico, único.

Essa observação compreendeu o vestuário dos discentes, seguindo tendências de moda e estilos, muitas vezes, que determina um grupo ao qual mesmo pertença, a exemplo: Roqueiros, pagodeiros, rappers, punks e demais. Nesse primeiro momento se entende que o estilo de música dos alunos, ou gosto musical, influência diretamente no modo de vestir. Não que tal fato seja generalizado, assim, nem todos seguem tendências, mas a maioria formam grupos e compartilham os gostos.

Diante das observações, a próxima etapa metodológica compreendeu a aplicação de um questionário contendo 5 questões objetivas para os alunos do Centro de Ensino Fundamental 201 de Santa Maria, direcionadas para as turmas de

6º ano e 9º ano, com uma amostragem de 40 alunos escolhidos de forma aleatória, considerando ambos os sexos, numa faixa etária dos 11 aos 15 anos de idade.

O objetivo do questionário foi colher informações sobre a percepção dos discentes em relação à liberdade de expressão, a concepção sobre Direitos Humanos, delinear limites entre a brincadeira e a violência e, também, compreender os fatores que motivam o desrespeito ao próximo.

A coleta das informações fomentou a estruturação desse trabalho acadêmico, tendo em vista buscar elementos que identificassem os principais problemas ocasionados pela violência escolar e a repressão da liberdade de expressão, sendo um dos preceitos principais da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Com os resultados obtidos foi possível, após aplicação do questionário e análise da coleta de informações, elaborar um plano de ação e intervenção, bem como identificar os principais agentes motivadores de conflitos em sala de aula, considerando a natureza complexa da personalidade humana e suas inquietudes.

Diante da complexidade para elaboração de uma ação intervencionista, foi necessário projetar em três etapas a elaboração desse projeto, considerando a apresentação da metodologia, sendo:

1. Observação empírica e análise das situações problemas.
2. Aplicação do questionário e amostragem dos resultados, bem como sua análise.
3. Elaboração de uma ação intervencionista que buscasse romper com as barreiras da violência em sala de aula e promovesse, entre outras ações, a liberdade de expressão e o respeito mútuo.

Assim, o objetivo principal desse projeto é a promoção de etapas que intervenham nas instituições de ensino, no intuito de diminuir a prática da violência entre os discentes, motivadas principalmente pelo desrespeito a adversidade cultural e étnico-social, bem como a valorização do ser humano enquanto ser capaz de transformar uma realidade através da educação e da instrução para o mercado de trabalho.

Além das etapas de observação, pesquisa e intermediação com políticas direcionadas para solução da situação problema, motivando o fim dos conflitos, e auxiliando os discentes que praticam *bullying* e também suas vítimas, tornando popular os direitos e deveres enquanto alunos e as consequências legais que a prática da violência acarretaria a eles, isso são elementos que permeiam a objetivação da intervenção escolar.

3. Os Direitos Humanos em sala de aula

A pesquisa de intervenção retratou que no ambiente escolar do Centro de Ensino Fundamental 201 de Santa Maria, diante os 40 alunos, sendo: 17 homens e 23 mulheres pesquisados, a maioria possui um histórico de vítimas ou praticante de violência, por mais que não possuíssem esse intuito, não conhecendo o linear entre brincadeira e excesso, resultando no desrespeito ao próximo.

Em sala de aula a prática do desrespeito e da violência impera de forma velada, diante a autoridade do professor, que de alguma forma inibe as brincadeiras e excessos. Normalmente, se faz presente em algum comentário dubio que um discente profere a outro, mas, o temor de uma repreensão do professor deixa velada tal situação. Assim, é comum também a troca de bilhetes entre os alunos com dizeres difamatórios e risos debochados.

Um momento que se torna propício a prática da violência é no intervalo escolar, quando os docentes se reúnem na sala dos professores e os alunos se aglutinam num mesmo espaço, quase sem monitoria. Normalmente, eles preferem se reunir em grupos que compartilham as mesmas preferencias e, daí parte para a prática do desrespeito com o próximo, proferido palavras e deboches sobre o que eles conceituam como “diferentes”.

A observação que se faz necessária é que a violência praticada tem um teor de brincadeira, na verdade, o aluno não tem a percepção que aquilo é uma agressão, ou pior, se têm pensa que há normalidade nessa prática, pois também já foi vítima.

A violência e o desrespeito não escolhem sexo, assim, tanto meninas como meninos estão vulneráveis a sofrer a prática do *bullying*. Mediante o contexto de vulnerabilidade e a falta de um limite entre a concepção de certo ou errado, sendo a

vítima a penalizada por tamanha discriminação. Não há limites, sabendo que a violência expande-se para além das fronteiras escolar, levada pelas mídias e, principalmente, meios virtuais, ela rompe barreiras e chega ao lugar considerado mais seguro, o lar, através do *siberbullying*.

A violência escolar, caracterizada pela prática do *bullying*, possui múltiplas faces, sendo proferida de forma verbal, física, psicológica, sexual e virtual.

As formas de combate a esse mal que assola o ambiente escolar contempla uma série de ações afirmativas, que permeiam a delimitação da violência contra o próximo, a exposição de conceitos e suas consequências. Os Direitos Humanos, enquanto disciplina escolar deveria permear os temas transversais da grade curricular, interagindo com matérias cujo potencial temático estruturaria a percepção crítica, dando limites à violência generalizada.

Não há como falar de Direitos Humanos sem descrever o seu contexto histórico e a luta do homem pela liberdade e igualdade, assim, enquanto titular da disciplina História para o ensino fundamental estruturei a defesa de direitos e suas implicações tratando temas que estão em voga no cenário mundial.

Nesse contexto se faz necessário uma “roda de diálogo” num cenário semelhante a um debate, onde com matérias jornalísticas o aluno é instigado a expressar sua opinião sobre determinado tema. Obviamente o seu ponto de vista, muitas vezes, tem um teor tendencioso arreigado de discriminação e preconceito, porém, partindo com esses princípios há uma desconstrução com a participação dos alunos, promovendo assim a prática da cidadania e da tolerância.

Há àqueles alunos que preferem, de forma mais velada, demonstrar seus gostos, normalmente esses discentes não divulgam suas preferências, mantendo uma tendência mais neutra. Isso ocorre em consequência do medo de não aceitação

em determinados grupos e, também, o embate direto que a opinião divergente poderá repercutir.

Os adolescentes acarretam uma série de experiências oriundas não somente do ambiente escolar, mas sim da comunidade em que vive e a família a qual pertença. A repressão é extravasada na sala de aula, não sabendo lidar com opiniões divergentes, ou gostos distintos, eles partem para a prática do *bullying*.

Após o processo de observação e análise da situação problema e da forma como os discentes se relacionam, trazendo a critério investigativo os fatos mais comuns que motivam os conflitos, foi constatado que:

- A intolerância é motivada pela empatia de determinados grupos a instituir padrões de estilos;
- Fatores externos, como: características socioeconômicas e índices de violência são determinantes para influência do meio no qual o aluno esteja inserido.
- Por serem sujeitos em formação, ou seja, construtores da cidadania e da concepção de mundo, levando em conta o certo e o errado, os adolescentes estão mais suscetíveis à influência externas.

A violência expressada pela prática do *bullying* contempla uma série de fatores, que repercute na intolerância e no desrespeito aos seus valores e gostos.

A “roda de diálogo” tem promovido exito no combate à prática da violência e discriminação em sala de aula. O resultado é notório, principalmente no tocante ao diálogo e a conciliação de conflitos,

A observação que merece destaque contempla a diminuição drástica das agressões envolvendo alunos e, quando ocorre em raros casos, alguns discentes do grupo intermediam os conflitos.

Todas as terças feiras há uma interação entre o conteúdo ministrado e os fatos cotidianos, sempre exercitando uma reflexão sobre passado e o presente, tal exercício ajuda também nas relações humanas, a exemplo: Falando sobre a violência doméstica e a lei Maria da Penha o aluno fez um comentário, refletindo sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea e o espaço na política que o gênero feminino vem ganhando.

Uma solução encontrada para minimizar os insultos em sala de aula foi a formação do “fiscal amigo”, um aluno, que possui exímio comportamento e com perfil de conciliador promovendo o diálogo, de forma a intermediar entre as partes. Atualmente cada série possui um fiscal, ou seja, trabalhamos com quatro fiscais em turno matutino e mais quatro em turno vespertino.

Quando as partes envolvidas não chegam a um acordo e o conciliador sessou todas as alternativas é chamado um professor, uma espécie de instância superior, para que busque dirimir os conflitos e buscar uma solução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Desenvolver uma metodologia que busque conciliar os conflitos, delimitando o linear entre brincadeiras e agressões, é um desafio constante, que cabe ao docente um exercício diário de compreensão e uma dose de ousadia. O ato de trabalhar com adolescentes, digo sujeitos em formação, é uma oportunidade única. O dom da licenciatura é uma profissão que nunca envelhecemos, pois estamos em contato com gírias, tecnologias e moda nova.

Notoriamente muitas agressões se fazem de maneira involuntária, os alunos proferem palavras sem ao menos entenderem suas consequências, sejam por citar características físicas ou estilos de moda e comportamento dos colegas. A mídia televisa colabora para esse comportamento, ao expandir em sua programação conteúdo explícito de violência e valores ambíguos, onde a família está em segundo plano.

A roda de diálogo foi uma maneira encontrada de dentro do ambiente escolar, abrir espaços para discussões construtivas que busquem formar opinião, dando um fim a discriminação e ao preconceito. Em um momento da aula, ou no início ou fim, sempre contando com um tempo de 15 minutos, os alunos são colocados em círculo (roda) e um determinado tema é abordado com a ajuda de matérias jornalísticas. Assim, instigados a expressarem sua opinião, os alunos argumentam pontos de vistas, buscando respeitar o próximo e sem ofensas. Assuntos polêmicos como cotas raciais, violência doméstica, *bullying*, drogas e sexualidade estão entre os temas abordados. Além de o professor sugerir o tema abordado o aluno tem liberdade para opinar sobre o assunto que gostaria de debater. A escolha do tema se faz na aula anterior ao debate para que os colegas tenham tempo de pesquisar material para abordagem do assunto.

A intermediação de conflito surge em casos que assuntos polêmicos tomam um viés descontextualizado ou ofensivo, neste caso o professor, imbuído do espírito de conciliação, busca recursos através do argumento para que os alunos construam uma opinião em conjunto. O pluralismo cultural é um fator que expõe a concepção de mundo e os valores individuais dos discentes, o respeito é construído quando mutualmente chegam a um senso comum, ou pelo menos, a uma forma respeitosa de expressar opiniões diferentes. A diversidade faz parte do ambiente escolar, pois através dele a concepção de igualdade é estruturada, sendo o aluno incentivado a compreender que “ser diferente é normal”.

REFERÊNCIAS

BARROS, Adil de Jesus P. e LEHFELD, Neide Ap.S. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. 16ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. **Bullying**. Disponível em www.cnj.jus.br/images/programas/justica-escolas/cartilha_bullying.pdf, acesso em 21/09/2015

Diva Albuquerque Maciel e Geane de J. Silva. Metodologia de Pesquisa: Pré-projeto de Pesquisa-Intervenção: Brasília. UnB.

FEAPAES. Federação Mineira das APAE's do Estado. **O que é Avaliação Multidimensional**. Disponível em: <http://www.apaeminas.org.br/artigo.phtml/23207> Acessado em 21/08/2015.

FREIRE. Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1967.

G1. Agência Globo. **Setença Judicial**. Disponível em <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/05/justica-manda-escola-pagar-r-15-mil-aluna-que-sofreu-bullying-no-df.html> acesso em 07/08/2015.

GADOTTI, M. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1999.

HERNÁNDEZ. Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBANÊO. José Carlos. **Didática**. 17. Reimpressão. São Paulo: Cortez, 1994.

PAULA, Helder de Figueredo e, MOREIRA, Adelson Fernandes. *Atividade, ação, mediada e Avaliação Escolar*. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.30, n.01, p. 17-36, publicado em mar. 2014.

PULINO, Lúcia H. C. Z. Módulo IV - Tornar-se humano e os Direitos Humanos, **Seção III – Educar pela e para a cidadania, na perspectiva da Educação em e para os Direitos Humanos**, curso especialização EEDH - UNB, 2015.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1995.

APÊNDICES

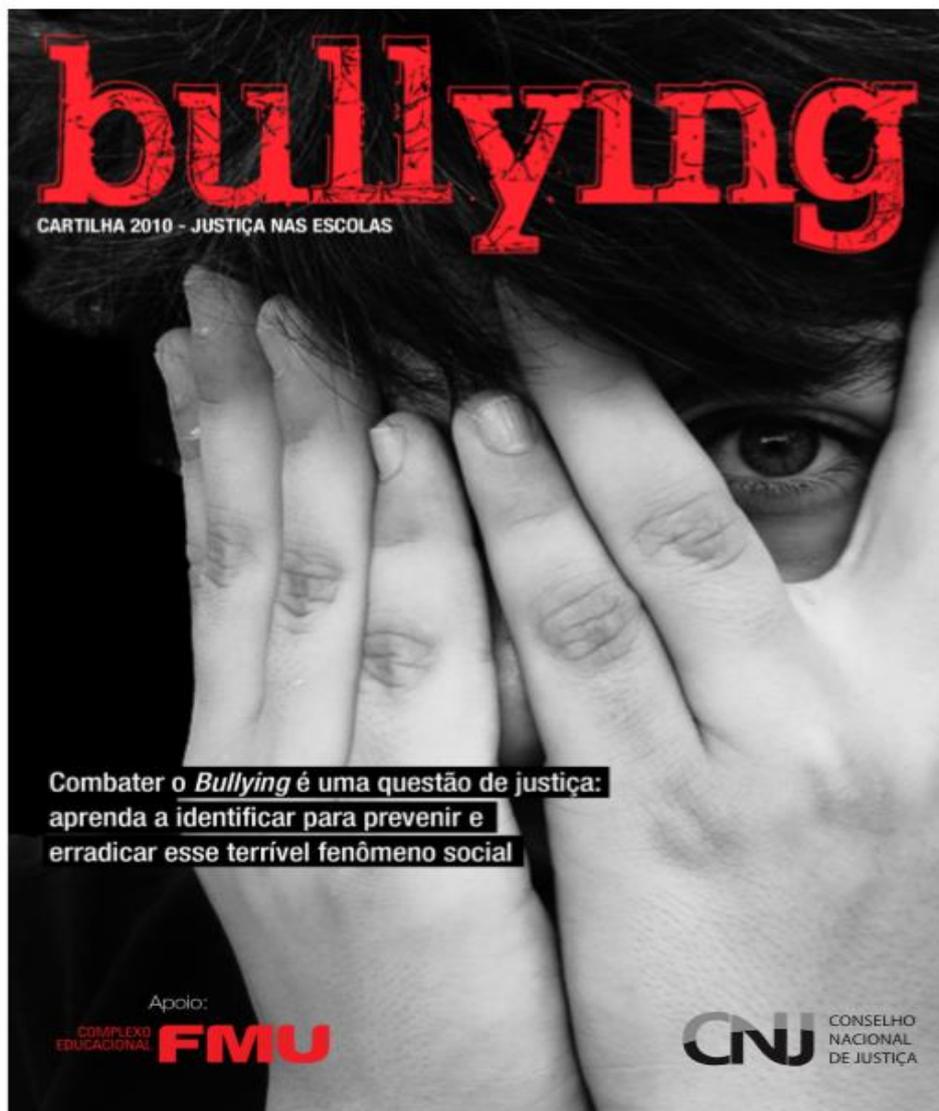
A – Questionário aplicado aos alunos do CEF 201, de Santa Maria.

O questionário contemplava as seguintes perguntas:

1. Você já foi vítima de violência no ambiente escolar?
() Sim ou () Não.
2. Você se considera protegido(a) pelos Direitos Humanos?
() Sim ou () Não.
3. Liberdade de expressão é o ato ou prática de poder falar qualquer coisa, sem necessariamente se preocupar com o próximo?
() Sim ou () Não.
4. Você já praticou violência ou já sofreu violência na escola, chamado de Bullying?
() Sim ou () Não.
5. Você se sente protegido(a) no ambiente escolar?
() Sim ou () Não.

ANEXOS

Anexo A – Cartilha divulgada pelo Conselho Nacional de Justiça



Anexo B – Roda de Diálogo promovido sobre: Inclusão e sociedade, do passado para o presente.



Termo de autorização de uso de texto/imagem

Eu, _____, brasileira,
 residente no endereço _____,
 portador do CPF: _____ e do RG: _____,
 expedido pela SSP _____, faço, por meio deste instrumento e na condição de
 detentor do direito autoral, autorizo a _____ brasileira,
 residente no endereço Rua Das Pitangas nº 10, Bairro Primavera, portadora do CPF:
 _____ e do RG: _____, expedido
 pela SSP/_____ a utilizar os textos e as imagens adquiridas no processo de
 coleta de dados da monografia
 _____, no processo de
 defesa do Trabalho Final de Curso – (TCC), junto à Universidade de Brasília.

Assinatura

Local/data